



# O MUNDO ÁRABE NO ESPAÇO ISLÂMICO

Therezinha de Castro

## ARABISMO E ISLAMISMO

O espaço que o mundo islâmico ou muçulmano ocupa, no meio dos três continentes do chamado mundo antigo, leva-nos a considerá-lo como um *continente intermediário*. Assim, o mundo islâmico separa as regiões intertropicais e o ocidente temperado; todas as comunicações diretas entre a África Negra e o Extremo Oriente passam por países muçulmanos. A Segunda Guerra Mundial demonstrou a importância geoestratégica desse espaço, já que foi através dele que transitou parte do abastecimento para o *front soviético*, sendo nele também travadas batalhas decisivas como a de El Alamein.

Na realidade o espaço islâmico é bem mais extenso que o mundo árabe, pois se estende desde o oceano Atlântico através do norte da África, passa pelo Oriente Médio e atinge o próprio coração da Ásia. Alonga-se, assim, em cerca

de 3.000 km de oeste para leste e por outro eixo, na direção nordeste, de 10.000 km, cobrindo uma superfície equivalente a todo o continente africano (30.401.326 km<sup>2</sup>) (mapa 1).

Apresenta o espaço islâmico certa unidade geográfica, envolvendo-se numa zona seca que recebe precipitações irregulares; a zona árida, tornou-se, assim, o verdadeiro domínio da civilização muçulmana. Este domínio envolve todas as variedades de desertos e estepes: os desertos quentes do Sahara e da Arábia, e os mais atenuados, porém com invernos rigorosos que do Iran se estendem pela Rússia; as estepes mediterrâneas da África do Norte e Oriente Médio complementadas pelas temperadas da Ásia Soviética.

Embora etnicamente o islamismo religioso que caracteriza o mundo árabe seja malaio e indu, visto que o seu centro de gravitação se encontra entre a Indonésia e a Índia, o imperialismo islâmico



co teve suas origens no Estado Teocrático fundado por Maomé, em Medina, na Península Arábica, no ano de 622.

Após a unificação da Arábia, conseguiu o islamismo conquistar o mais vasto espaço geográfico para, em meados do século VIII, dividir-se. A parte ocidental ficava constituída pelo Califado de Córdoba com centro na Espanha, enquanto a oriental passava a girar na órbita egípcia. No século XV findava-se o islamismo na Península Ibérica, enquanto a outra parte caía sob o jugo otomano-turco.

O vasto Império Otomano englobava os Bálcans, Oriente Médio, Egito e África do Norte. Seu governo central, estabelecido na Turquia, era teoricamente absolutista, pois não gozava de grande autoridade nas chamadas Províncias, onde os pachás ou governadores, apoiados nas guarnições militares dos janízaros,

exploravam em seu próprio proveito, as populações. Era, por isso, um império bastante débil, pois as populações cristãs dos Bálcans submetidas aos turcos conservavam a sua religião ortodoxa, suas línguas e tradições. A conquista territorial feita pelos turcos não havia realizado o principal que era a fusão entre cristãos vencidos e muçulmanos vencedores; os cristãos tinham apenas que pagar pesados tributos e obedecer às ordens dos turcos. Os ódios de raça e religião levariam esses povos a se revoltarem no século XIX, procurando libertar-se do jugo muçulmano-otomano.

Estado multinacional, eram, no entanto, os árabes que dominavam mais amplamente o Império Otomano. No entanto, em meados do século XIX o despertar nacional árabe não seria levado a efeito pelo grupo islâmico, mas, curiosamente, pelos convertidos ao cris-

tianismo. Coube, pois, ao libanês cristão Ibrahim el Yazidji (1868) lançar a primeira expressão clara da idéia nacional para, logo em seguida, se formarem em Beirut e Damasco as Ligas Secretas; baseavam-se estas não na religião, mas na comunhão lingüística, como fundamento mais sólido para a formação de uma Confederação de Estados Árabes, sem nenhum dever de obediência ao poder otomano-muçulmano. Era este o início de uma corrente de idéias que preparariam a chamada Liga Árabe e a consequente publicação do Manifesto de 1905, que reivindicava a independência.

Começam, porém, a surgir dificuldades relacionadas com o fator religioso, uma vez que a maioria dos promotores do movimento nacionalista árabe passou a integrar a seus programas a regeneração do islamismo, censurando os turcos de interpretarem mal o Corão. Como dentro do islamismo haviam surgido diferentes seitas, o fator religioso anularia o nacionalismo lingüístico, constituindo-se até 1918 no poderoso freio contra a unidade no mundo árabe.

Finda a Primeira Guerra Mundial, com o desmembramento do Império Otomano em zonas de influência, entregues pela Liga das Nações a países europeus, notadamente a França e Inglaterra, os árabes voltar-se-iam contra estes. Mas, mesmo assim, a unidade era impossível, tendo em vista a civilização islâmica se encontrar, no Oriente Médio, formada por três grupos distintos: os árabes, os persas e os turcos.

Em meio a esses grupos se destacou Mustafá Kemal; vendo este que a Turquia só conseguiria salvar seus territórios orientais, transformou essa região num Estado Independente. Apelou, sobretudo, na criação para o sentimento nacional, para o poderio que haviam ti-

do no passado, avantajando esses fatores associando-os ao da solidariedade religiosa.

Adotando a forma republicana de governo, Mustafá Kemal (que depois de 1934 passou a chamar-se Kemal Ataturk) era nomeado Presidente. Entre as medidas occidentalizantes de seu governo destacaram-se: a separação da religião do Estado, a abolição de Tribunais Religiosos, a adoção da monogamia, do calendário, horas e algarismos internacionais, a reforma do idioma turco, a supressão do ensino árabe e do persa, a adoção do posto de general em substituição ao título de pachá, etc. A despeito de toda essa occidentalização, com a finalidade de manter o povo coeso, o "turquismo" confirmava a "personalidade da nação turca", destacando que o Império Otomano fora a "verdadeira imagem" do novo país que surgia; muito embora esse Império Otomano tivesse sido um "epi-sódio passageiro" devia ser sempre lembrado pelo povo turco, tornando-o "mais orgulhoso de si mesmo, pois era o herdeiro de uma grande civilização". As palavras entre aspas eram as empregadas no "Manual de História Geral" publicado em maio de 1932, e adotado em todo o país.

Por outro lado, os persas, também herdeiros de uma grande civilização, que ficara reduzida a uma área planáltina cercada por cadeias de montanhas, manteriam sua coesão nacional baseada na língua persa e religião islâmica da seita shiita.

O espaço islâmico, que se dividira para formar politicamente dois países — a Turquia e a Pérsia (atual Iran), embora não árabes conservava certo sentimento de solidariedade entre si, e com o terceiro povo, o árabe, que não se unira. Esse sentimento de solidariedade, calcado na

religião muçulmana, estabeleceria uma autêntica barreira contra o predomínio europeu; assim, a religião de Maomé, embora subdividida em seitas se pôde manter no Oriente Médio e África do Norte. Nessas duas áreas, embora os árabes venham tentando até os nossos dias formar um único país, não o conseguiram a despeito da língua e da religião; o divisionismo, ao contrário do que aconteceu com os turcos e persas, foi a tônica entre os árabes, no momento em que conseguiam as suas respectivas independências após a Segunda Guerra Mundial.

Nessa época permitiriam os ocidentais que se estabelecesse na Palestina o Estado de Israel (1948), povoado por refugiados judeus que por vários séculos estavam dispersados pelo mundo. Assim, este pequeno país-enclave ficaria isolado no meio de uma multidão de inimigos que forma o mundo árabe, que, não aceitando Israel como uma realidade política, o vem atacando.

Do exposto concluímos que o espaço islâmico engloba hoje diversos grupos étnicos: os indus, os malaio, os turcos, os iranianos e os árabes. Além das minorias étnicas, subsistem grupos menores, como os nabateus ou caldeus no Iraque, os arameus ou sírios na Síria e Líbano, os coptas e felahs no vale do Nilo e os bérberes cujas comunidades se estendem pelo norte da África desde a Líbia até o Marrocos. Em consequência, do mundo árabe propriamente dito, são excluídas partes integrantes do espaço islâmico como a Índia, a Malásia, a Indonésia, Chipre, a Turquia e o Iran, que, guardando suas respectivas características lingüísticas e culturais, não são considerados como povos verdadeiramente arabizados. Por outro lado, bastante dividido politicamente, o mundo árabe é mais arabizado do que propriamente árabe.

O mundo árabe se estende do Oriente Médio ao norte da África envolvendo um conjunto heterogêneo de repúblicas, sultanatos, emiratos, e até zona neutra. Os hábitos e costumes diferem de região para região; a língua escrita é a mesma, embora a língua falada apresente termos específicos regionais. O Corão e Maomé, o Profeta, são comuns no mundo árabe, embora o islamismo se apresente dividido em várias seitas.

O mundo árabe não conseguiu eliminar suas barreiras alfandegárias e a Liga Árabe encontra-se bastante dividida, principalmente após o Pacto de Bagdad (1955), só chegando a algum entendimento quando se trata de combater o Estado de Israel. Mesmo assim, além da retórica eloqüente que domina habitualmente as reuniões dos árabes, muito pouco de prático se tem conseguido. Vindo bem a propósito a Conferência de Cúpula Islâmica reunida em Taif, na Arábia Saudita, em dezembro de 1980. A ela compareceram líderes de 37 países islâmicos, que proclamaram a "guerra santa" pela libertação de Jerusalém e terras árabes ocupadas por Israel. Nesse contexto, a Conferência de Taif aprovou o aumento da ajuda político-financeira-militar à OLP (Organização para a Libertação da Palestina) e deu pouca atenção à situação no Líbano; é justamente em território libanês que se abrigam militantes da OLP e que por isso vem sendo constantemente atacado por Israel. Com relação ao Afeganistão a reunião de Taif, procurando ignorar as condenações anteriores sobre espaços islâmicos dentro das fronteiras da União Soviética, sem mencionar a exigir a retirada das "tropas estrangeiras" do território afgão.

Essas atitudes dúbias refletem a existência de um mundo árabe que já co-

meçou dividido com as diversas tribos nômades, dentro de um determinismo marcado pelos desertos e que o possibilismo atenuou quando o povo se encontrou nas margens do Mediterrâneo. Mesmo assim, no momento em que terminava o isolamento tribal, surgiam duas facções: a dos *levantinos*, atraídos pelo Mediterrâneo, e a dos *defensores da fé*, voltados para o deserto. E foi justamente no espaço geográfico dos defensores da fé que o petróleo jorrou; com o "ouro negro" a ortodoxia ferrenha começou a se diluir, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial.

No contexto, podemos ainda concluir que não há um povo árabe e sim povos árabes; e como a definição do que vem a ser um árabe toma por base ou a geografia ou a religião, o Al-Munjed, dicionário árabe clássico, deixa de registrar o verbete em questão.

No sentido geográfico racial, árabe, antes do islamismo, era o habitante da península Arábica. A partir do século VI surgiu a religião revelada na língua árabe; os exércitos árabes-islâmicos conquistaram um vasto espaço. Nesse espaço, onde se forjou um império, os vocábulos arabismo e islamismo começaram a se irmanar, a se ligar um ao outro. E, nesta fusão, a palavra árabe perde o seu sentido étnico geográfico para, subjetivamente, adquirir sentidos religiosos, políticos, patrióticos e até ideológicos.

Por outro lado, não chegou a vingar o pan-islamismo em termos de idéias adaptadas ao socialismo, tal como desejava o então Presidente egípcio Gamal Abdel Nasser. Este ao escrever em 1955 seu livro "Filosofia da Revolução", insinuava que poderia vir a existir um mundo árabe irmanado em todo o espaço islâmico: "Quando penso nos 80 milhões de muçulmanos da Indonésia, nos

50 milhões da China, e muitos outros milhões da Malásia, do Sião e Burma, 100 milhões do Paquistão, outro tanto ou mais ainda do Oriente Médio, os 40 milhões na União Soviética e muitos outros nas mais distantes partes do mundo, quando os vejo unidos numa só fé, tomo consciência do tremendo potencial a ser representado pela cooperação entre eles".

Esqueceram-se Nasser com seu ideal socialista, o Xá Reza Pahlev com o seu ocidentalismo e, mais recentemente, o Aiatolá Khomeine com o seu radicalismo ortodoxo, que no espaço islâmico a apatia própria do homem do deserto e a ignorância do mundo circunvizinho foram canalizadas numa desunião fatalista. O sentimento tribal dos árabes de Meca e Medina tornou-se, no espaço islâmico, abrangente e supertribal.

## ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Dentro, no entanto, do fatalismo... o pragmatismo, na verdade, do valor prático; graças ao petróleo, os islâmicos descobriram que poderiam jogar com os destinos do mundo. O petróleo existe, segundo os islâmicos, porque "Alá assim o quis". E Alá também quis que o núcleo islâmico se desenvolvesse em áreas fitogeomorficamente difíceis dos desertos e das estepes; desertos de Gobi na Ásia, Kalahari e Sahara na África, marcando os limites do espaço islâmico.

Espaço nunca submetido aos estrangeiros porque, segundo escreveu Ibne Khaldun, no século XIV, "a pobreza e a aridez do solo jamais poderiam atrair ninguém". E assim, nesse reduto geoestrategicamente protegido, numa espécie de "heartland clandestino", o islamismo surgiu, se implantou e foi, dentre as grandes religiões a única que aumentou. E, muito embora o petróleo tenha posto

um fim a esse isolamento, muito embora o século XIV do resguardado islamismo, tenha sido anulado pela economia do século XX, a religião que os árabes criaram é a única que ainda preocupa o existir da URSS. Isto porque na luta anti-religiosa implantada ainda no tempo de Lenine, conseguiu a Rússia vencer, confinar ou erradicar diversas facetas do Cristianismo, várias formas de Judaísmo e diferentes seitas animistas e asiáticas, mas não derrotou o islamismo nas Repúblicas Socialistas da Ásia.

Embora dividido em dois grandes grupos teológicos — o *sunita* majoritário, e o *shiiita* secessionista, e ainda congregando diferentes rituais filosóficos, o islamismo reúne 900 milhões de fiéis habitando de Singapura e arquipélago indonésio no sudeste asiático, quase às portas da Austrália, ao Senegal no oeste africano até a Guiana no continente sul-americano; de Madagascar ao Lesoto na África até a Albânia e Iugoslávia na Europa Central, para daí atingir os confins da Mongólia e a própria China (mapa 1). Espaço islâmico, mas não mundo árabe, pois este, geograficamente se encontra centrado na longitudinal Oriente Médio-Africa do Norte (mapa 2).

### Orientes Médio

Encruzilhada de três continentes, alguns geógrafos dão ao Oriente Médio o nome de Eurasiáfrica. Esse posicionamento valeu-lhe, desde passado remoto, uma característica de campo de batalha: entre o norte e sul (hititas e egípcios), e entre o leste e oeste (gregos, macedônios e persas); como *zona de contacto*, celebrizou-se durante a Idade Média pelo comércio oriente-ocidente, entre árabes e povos mediterrâneos (venezianos e genoveses), a que os turcos otomanos ao se apossarem de Constantinopla puseram um fim.

Em três fases distintas tentou-se a integração política do Oriente Médio: o Império de Alexandre (Macedônia), o Romano e o Turco Otomano. Com exceção deste último, os dois primeiros tinham, ao ocupar esse espaço, o objetivo fundamental geoestratégico de estabelecer uma linha de soldadura entre o Oriente e o Ocidente.

Se considerarmos, na realidade, o Oriente Médio como uma Eurasiáfrica, seus limites se estendem pelo norte da África, abrangem a Ásia e a Turquia, que por sua vez se aproxima da Europa, embora unida intimamente pela geogra-



fia a seus vizinhos asiáticos. Essa região é montanhosa ou desértica e só se considera cultivável 5% de sua área total; assim, seus terrenos áridos se apresentam com afloramentos de estratos rochosos.

O Oriente Médio envolve duas unidades estruturais separadas por uma zona de transição: o antepaís e a zona de dobramentos.

O antepaís, incluindo a Península Arábica e o Egito (este já na África), apresenta como característica fundamental uma base arcaica. A base arcaica, jamais coberta por sedimentos, tem continuidade na zona de transição que compreende a Palestina, Síria, Líbano e Mesopotâmia até o Golfo Pérsico. Aí a zona de falhas começa dividida no Mar Vermelho (Golfo de Akaba), atravessa o Mar Morto e Vale do Jordão; os dobramentos formam, por sua vez, um arco que parte de território sírio para terminar além do Tigre, separando os Montes Zagros da Planície Mesopotâmica.

A linha de falhas e parte da zona de dobramentos assinalam a *área de desague endorreico*, de bacias fechadas, que vai caracterizar grande parte da hidrografia do Oriente Médio. A primeira dessas áreas se encontra na fossa tectônica do rio Jordão, compreendendo a bacia salina do Mar Morto; a interrupção dessa fossa, mais ao norte, permite que o rio Litani, libanês, vá desaguar no Mediterrâneo. Essas bacias fechadas apresentam-se com áreas mais extensas no Iran, onde quase toda a sua meseta interior se divide em depressões salinas.

O Eufrates que, juntamente com o Tigre forma a Mesopotâmia, marca a linha dos chamados rios permanentes, correspondendo em geral às zonas de maior pluviosidade. Observada essa linha, constitui-se e, exceção o Vale do Nilo em meio a uma zona onde os rios

temporários secam completamente em certas estações, e em outras as suas águas se elevam a um nível de 3 a 6 metros. São os chamados *uadis* do Oriente Médio, cujas inundações são por vezes freqüentes nessa zona desértica; a capa aluvional permeável que os leitos dos uadis possuem retém em pequenas extensões a preciosa água, tão procurada e necessária aos nômades do deserto, formando os oásis naturais com suas palmeiras em meio ao areal.

Em outras áreas semi-áridas a existência da água depende de poços e fontes que descansam sobre uma base impermeável, onde fica retida parte da chuva. As regiões menos providas valem-se das *fogaras*, denominadas *kanats* no Iran e *karez* no Iraque; são constituídas por um túnel, cuja topografia de suave declive permite trazer até a superfície o veio d'água retido em outra área de terreno permeável. Existem fogaras na região levantina do Oriente Médio desde o período romano, sendo que hoje algumas delas se apresentam com extensão de vários quilômetros.

Como zona de enlace entre a Ásia e a África propriamente dita, o Oriente Médio se encontra entre as duas regiões mais quentes do mundo; integra-se, por outro lado, na parte do continente asiático onde se desenvolvem as mais baixas temperaturas do Globo. Recebe, assim, o "sopro do deserto" que traz da África o calor intenso, e o "ar siberiano" que, vindo do norte, chega a congelar alguns rios e áreas do Oriente Médio. Não será, pois, exagero dizer que, exceto no sul da Arábia, nenhum ponto do Oriente Médio está livre da neve, até mesmo no baixo Nilo.

Excetuando-se as zonas costeiras, onde se produz a influência marítima atenuante do clima, nas zonas interiores há

grandes oscilações de temperatura, em função do tipo climático continental; no interior ao intenso calor que faz durante o dia, sucedem-se noites frescas ou frias. No vale inferior do Nilo, e até bem próximo da costa mediterrânea do deserto da Líbia, o esfriamento noturno causa, por vezes, as geadas matinais. Por outro lado, a excessiva umidade de certas zonas do Golfo Pérsico ao Mar Vermelho e Mediterrâneo, aliada a alta temperatura, tornam bem desfavorável as condições de vida no verão. No interior, onde a umidade é baixa, formam-se geralmente brumas e nevadas nos vales e comarcas áridas; nas bacias salinas e zonas desérticas do Iran, cai a neve no período do inverno.

A fisiografia exerce também sua influência na distribuição das chuvas, muito embora, no seu conjunto, o Oriente Médio se apresente dentro do marcante tipo climático mediterrâneo. Assim, as isoietas tendem a seguir as regiões mais abundantes, onde caem chuvas mais abundantes; os dobramentos, que na zona de transição fazem uma curva nos altos cursos dos rios Tigre e Eufrates, dão início às terras estépicas que, na antiguidade, uniam o leste ao oeste numa faixa denominada "Crescente Fértil". Palmira, em pleno deserto da Síria, podia alimentar seus rebanhos graças às chuvas que se formavam no Anti-Líbano; as terras altas e úmidas de Judéia eram conhecidas como o "país do leite e do mel". Cedar do Líbano, a 2.000 metros de altitude, é uma das regiões mais úmidas do Oriente Médio.

Como as estepes são hoje regiões de pastoreio nômade, a economia se desenvolve em horizontes muito limitados. Quando as chuvas se apresentam prolongadas, os rebanhos prosperam; quando os anos que se seguem são de chuvas in-

suficientes, provocam movimentos migratórios e até invasões de terras vizinhas, sobretudo nas zonas centrais da Síria e do Iraque, onde a vegetação herbácea mostra uma maior adaptação à seca.

São bastante irregulares as precipitações no Oriente Médio. Vastas áreas do Egito e da Arábia Saudita passam, às vezes, anos inteiros sem nenhuma chuva; por outro lado, caem fortes chuvas estivais sobre as mesetas do Iemen e na região de Damasco, que, em 1945, recebeu, numa só manhã, 10cm de chuvas, quando sua média anual é de 25cm.

Para o norte, os limites das chuvas abundantes determinam a ocorrência de bosques, notadamente de cedro, árvores de grande porte e crescimento lento; 1/8 do território turco encontra-se enquadrado em zona florestal. Nas partes mais elevadas, que se assemelham às zonas de dobramento da Europa Central destacam-se pastos tipicamente alpinos; encontra-se nesse caso a Cordilheira do Elbruz, no Iran. Já os papiros, lotus e plantas aquáticas se desenvolvem nos deltas e cursos inferiores do Tigre e Eufrates, bem como ao longo do Nilo, sendo a tamareira a planta de cultivo racional nessas áreas.

A vegetação mediterrânea, limitada às partes úmidas da costa da Palestina, Líbano, Síria e Turquia, foi substituída pela agricultura do trigo, oliveira, videira e árvores frutíferas. A agricultura de irrigação das áreas secas funciona à base de canais, poços ou fogaras, exigindo cuidados para evitar contactos com o capeamento salino, além do delicado problema ecológico das pragas e insetos. No Iraque, por exemplo, a cultura de irrigação aumentou consideravelmente a incidência do impaludismo entre Bassora e Bagdad. O que vem acontecendo tam-

bém na zona da barragem de Assuan, onde se formou um grande lago artificial, muito embora, em vez de contarem os agricultores com apenas uma inundação anual, têm-na agora permanentemente. No entanto, o crescimento das áreas de cultivo se conservou muito abaixo das previsões: 6% em vez dos 20% projetados para os dez primeiros anos. É que Assuan produziu grande desequilíbrio ecológico; o extravasamento do Nilo, por exemplo, prejudicou outras áreas agrícolas como a de Tahrir, cujo solo foi gradativamente coberto por uma camada de sal. Além do aumento dos índices de esquistossomose entre as populações agrícolas, as próprias usinas geradoras de eletricidade não conseguiram funcionar em plena capacidade; das 12 só 7 atuam a maior parte do tempo em consequência dos erros cometidos pelos engenheiros russos.

Nas bordas das zonas desérticas vicejam mais de 2.000 espécies de vegetais, em sua maioria autóctones; são plantas que completam seu ciclo de desenvolvimento em poucas semanas, após o término das chuvas de inverno; nas zonas secas propriamente ditas, as plantas se adaptam à falta de chuvas e salinidade; destaca-se, além da tamareira, um arbusto denominado "espinha de camelo", exalando uma seiva viscosa, que quando em contacto com o ar forma o chamado "maná bíblico".

O Sahara é o maior deserto do mundo com seus 8.000.000 km<sup>2</sup>, quase a área do Brasil, envolvendo o norte da África e se ramificando para o Oriente Médio. Estende-se do Atlântico, que é a sua borda ocidental, ao Mar Vermelho no oriente; prolonga-se através da Península do Sinai e deserto rochoso do *Neguev*, alcançando a Península Arábica, ocupando-a quase que totalmente. Do

outro lado do Mar Vermelho já toma o nome de Deserto Arábico ou Dedjed, sendo então bem mais rochoso, transformando-se, na Jordânia, num verdadeiro "mar de pedras". Foi justamente essa vasta área desértica que deu origem ao desenvolvimento das sociedades nômades, que, do Oriente Médio, se estenderam pelo Norte da África. Vivendo no nomadismo, a unidade dos beduínos eram as tribos isoladas, formando cada qual um grupo coeso, com base nos laços familiares, dentro da solidariedade e da disciplina que lhes permitiu sobreviver no deserto.

Habitando tendas facilmente desarmáveis, sob o comando de um líder — o *sheik* —, para suprir as deficiências de uma vida de privações, incluíram em suas atividades, além da pecuária, também as *razzias*; são elas, ataques de surpresa e muito rápidos, sempre que possível evitando o derramamento de sangue, para tomar à força, das populações sedentárias, o que lhes falta para a sobrevivência. A fim de evitar as *razzias*, alguns camponeses preferem o pagamento permanente de um tributo aos beduínos; trata-se da *jaua* ou *tributo da amizade*, que consiste na entrega de certa quantidade de gêneros alimentícios a uma tribo de beduínos, em épocas de carência. À guisa de curiosidade, conta-se que o Rei Ibne Saúd conquistou o poder na Arábia porque antes, vivendo como nômade no deserto, mostrou sempre destreza e coragem nas *razzias* que realizava para salvar sua tribo da fome.

As tendas dos beduínos, em geral negras, feitas de pele de cabra ou de camelo, variam de tamanho, demonstrando a opulência de seu dono pelo número de estacas. Sua abertura é colocada na direção contrária ao vento, e aí se acende o fogo no qual se faz o café, sempre pre-

parado pelos homens, ficando os demais alimentos a cargo das mulheres. A alimentação básica se constitui do leite e seus derivados, sendo muito apreciado o *labné*, espécie de queijo; além do arroz e outros produtos que obtém por troca, nas razzias ou jauas, consomem frutas secas, dando preferência a tâmara. Só comem carne de seus animais domésticos que perecem por morte natural; como seus rebanhos se constituem no capital fixo da tribo, a carne é luxo para o beduíno, que só sacrifica algum animal em época de festa. Na aridez do ambiente o camelo foi, na realidade, o animal que auxiliou o beduíno a conquistar o norte da África.

Os beduínos são profundamente supersticiosos e sua crença islâmica é intensa, muito embora o progresso tenha modificado algumas de suas tradições. O petróleo foi, sem dúvida alguma, a causa dessa transformação; daí haver J. W. Crowfoot escrito que os beduínos do século XX já "praticavam razzias uns contra os outros utilizando Fords e Chevroléts" ("The Arabs To-Day" — Georg. Jour. — Vol. XCIX — 1942).

Considerados como povos não civilizados, os beduínos adquirem temporariamente a nacionalidade do país, na época em que lá se encontram. No Sahara e na Arábia se pratica o nomadismo no sentido horizontal; já os *kurdos* dos Zagros no Iran, embora se desloquem de um ponto para outro, o fazem no sentido vertical; daí não serem considerados nômades, mas sim transeuntes.

Foram os beduínos que, com suas caravanas, nômades comerciantes, os que mais contribuíram para o crescimento das cidades do Oriente Médio e norte da África. Favorecidos pelas atividades comerciais, os núcleos urbanos, ao lado dos fatores tradição de governo e força,

apresentam também o traço religioso; encontram-se, pois, no Oriente Médio, as cidades-santas de Meca e Jerusalém.

Os habitantes dos centros urbanos se diferenciam por suas seitas religiosas, muito mais do que pela classe social que ocupam; vivem em distintos quarteirões denominados *haras*, com vida quase que semi-independente uns dos outros, num *apartheismo consciente*, protegidos por portões defensivos, cada qual com o seu *seyh*, que exerce funções administrativas e policiais. Em Istambul, Cairo, Damasco, Bagdad e Jerusalém, além das *haras* de judeus encontramos as de diferentes grupos cristãos e muçulmanos. Outra característica das cidades do Oriente Médio são os *sugs*, quarteirões onde se concentra a atividade artesanal, vivendo à semelhança do corporativismo medieval das guildas; os *gugs* se agrupam em torno do núcleo central das cidades, onde em geral domina o minarete da mesquita principal. Integram ainda as cidades, os *khans*, centros comerciais, de lojas muitas vezes luxuosas, e os *hammans*, espécies de zonas sociais concentrando os cafés e os famosos banhos públicos, onde os amigos se encontram.

Os progressos sociais e econômicos vêm, no entanto, atingindo bastante as zonas urbanas, bem mais que as rurais. Muitas cidades do Oriente Médio se industrializam, transformando suas feições passadistas através de modernos apartamentos e casas com arabescos decorativos, porém em estilo arquitetônico ocidental, em quarteirões novos que surgem. Encontram-se neste caso, além das várias capitais de países islâmicos, principalmente Teheran, Bagdad e Cairo, que são os centros mais populosos do Oriente Médio.

De um modo geral, a população do Oriente Médio é ainda mais rural do que

urbana. No meio rural destaca-se, além do beduíno, também o *felah*, pequeno agricultor, habitando aldeias esparsas desde as férteis montanhas do Marrocos no norte da África até a Mesopotâmia; formam os felahs a maior parte da população no mundo árabe. Habitam as *dar*, casas de adobe com paredes caiadas de branco; bastante rústica, a *dar* é formada por pequenos compartimentos que convergem para um pátio central, onde fica o forno de assar o pão, e local onde a família se reúne. À semelhança dos beduínos, os membros de uma aldeia felah também se consideram parentes, escolhendo entre eles um chefe que habita o *dawar*, casa mais confortável, muitas das quais hoje, além do telefone e televisão, possuem água encanada.

Em verdadeira procissão, seguem os felahs para o campo onde cultivam a oliveira, o algodão, o milho e o feijão; para transportar a água de um canal de irrigação até a lavoura, valem-se de uma espécie de bomba, formada por um tubo, através do qual o líquido passa, quando em seu interior se faz girar um cilindro em forma de parafuso. A terra em geral é fértil, irrigada também com água de chuva armazenada em grandes cisternas. No entanto, quase toda a produção do felah tem que ser vendida; daí sua alimentação se basear numa espécie de pão feito com farinha de milho.

O Corão é o livro dessas crianças do campo que aprendem a ler no *kutab*, escola que em geral funciona na mesquita da aldeia. Tem o felah uma existência de povo subdesenvolvido, pois no mundo árabe a lavoura não lhe traz as mesmas compensações do petróleo, que é a principal riqueza nesse espaço islâmico.

#### África do Norte

Enquanto o Oriente Médio se constituiu na encruzilhada de três continentes,

a África do Norte é, em grande parte, uma continuação do continente europeu. Nessas condições, é costume se dizer que a África começa nos Pirineus e a Europa termina onde surge o Sahara.

No ângulo saliente que a África forma entre o Atlântico, Mediterrâneo e o Sahara encontra-se, envolvendo a Tunísia, o Marrocos e a Argélia, a chamada Dje-zira-el-Maghrib ou "ilha ocidental" dos árabes, cujo nome simplificamos para Maghreb, sendo ainda conhecido como Berbéria. A unidade física desta região se liga à existência da série montanhosa denominada Atlas, alternada por zonas tabulares. Essa alternância faz com que, geograficamente, o Atlas se divida em Médio (3.370 metros), Alto (4.225 metros) e Anti-Atlas (2.551 metros); são, na realidade, blocos limitados por linhas de fratura. Pertencendo ao mesmo sistema, seguindo paralelo ao Mediterrâneo, o Rif ou Pequeno Atlas (1.800 metros) continua através do Tell (1.000 metros) que se estende na faixa litorânea, desde o Estreito de Gibraltar até a altura da cidade de Cartago. O Rif forma aí um arco montanhoso que se prolonga através do Estreito de Gibraltar pelo sistema Penibético, na Espanha; encontra-se, por sua vez, isolado do Atlas e Tell pelos vales do Muluia e Sebu. Por sua direção leste-oeste, no sentido longitudinal, o protegido litoral além do Riff e Tell foi a rota histórica escolhida pelos conquistadores fenícios, romanos, árabes e, mais recentemente, europeus.

Considerado como a margem meridional do mundo mediterrâneo, deve o norte da África aos fenícios a sua primeira exploração sistemática costumeira; aí por volta do ano 1000 a.C. começou esse povo a se estabelecer, fundando posteriormente Cartago, que domi-

nou toda a costa, desde Trípoli até Tânger. Nessa época a influência cultural grega se fazia sentir, em especial no vale inferior do Nilo, onde havia sido fundada Naucratis. Com a destruição hegemônica de Cartago, surgia a Província Africana do Império Romano (145 a.C.), incorporando todo esse litoral do Mediterrâneo, no momento em que o camelo era introduzido na região via Egito. Donde se conclui que o termo África, que passou a ser mais largamente empregado, tenha derivado de *Áfrigah*, topônimo de uma comunidade bérbere existente no sul de Cartago.

Antes, pois, da expansão semítica árabe, os camitas bérberes predominavam por todo o Sahara e litoral africano do norte; apresentavam uma unidade étnica que sofreria transformações ao contactar com os invasores árabes (século VII) e conquistadores europeus, tendo estes como pioneiros os portugueses, ao tomarem Ceuta (século XIV).

O *bérbere* é o tipo mais comum encontrado ainda hoje na região do Atlas e zona fértil do Tell; contrastando com o árabe pastor nômade, são os bérberes, de um modo geral, agricultores sedentários. Têm por base político-social um grande número de comunidades aldeãs autônomas e democráticas, agrupando certo número de tribos ou *taqbilt*. Unidas por verdadeiros laços de sangue, adotam a corveia coletiva ou *tuiza* para a reparação de um canal de irrigação, construção de uma casa etc. O governo da aldeia é dirigido por uma espécie de parlamento, composto por elementos masculinos adultos, que se denomina *jemaa*; o chefe ou *amin*, nomeado pelos jemaa, detém o poder executivo. As condições de vida social divergem; por exemplo, entre os tuaregues a mulher é mais instruída que o homem, ocupando

posição elevada no grupo, cujas famílias se organizam sob o sistema do matriarcado, já que a sucessão política dos chefes se transmite por linha materna. No Atlas Médio já a mulher ocupa posição inferior no grupo.

Enquanto no Marrocos, Argélia e Tunísia predominam os bérberes, estes, a partir da Líbia diminuem em número, cedendo lugar aos grupos árabes; assim, de oeste para leste, no norte da África a base da civilização se transforma de camita em semita.

Os árabes são de um modo geral, cameleiros, isto é, os verdadeiros nômades no norte da África; no grupo árabe se destacam ainda os semi-nômades pastores, ocupando as regiões mais regadas, bem como os que se dedicam à agricultura nos oásis e vale do Nilo.

Em virtude dos diversos dialetos bérberes se assemelharem à língua árabe, com a arabização da África do Norte, através dos séculos, e a conseqüente implantação do islamismo, torna-se hoje quase impossível distinguir o árabe do bérbere por critérios de antropologia física, uma vez que os caracteres raciais fundamentais são os mesmos em ambos os grupos. Assim, na atualidade, só se pode, de um modo geral, precisar a transição da vida sedentária para o nômade no norte da África, através da linha do Tell que passa a formar a estepe.

O árabe é, no norte da África, a língua da religião e do comércio. A tenda do nômade árabe se difundiu gradualmente entre os bérberes, formando um círculo denominado *aduar*. No entanto, entre os bérberes, a habitação mais comum é ainda o *gurbi*, espécie de choça, cercada em conjunto por um muro de terra seca ou espinhos, para a proteção contra os animais de rapina. Além dessa choça retangular construída com barro

seco ou argila, nota-se, também, a existência da *kasba*, moradia acastelada do chefe, verdadeira fortaleza nas montanhas.

As principais cidades da África do Norte são, em geral, litorâneas, possuindo quase todas uma série de quarteirões onde o *mellah*, reservado aos judeus, forma elemento importante na vida urbana; são sempre providos de uma mesquita, no centro da urbe, onde se situa também a *kasba*, residência fortificada do governo. Várias dessas cidades possuem hoje um setor adjunto europeu, situado a certa distância do *mellah*, ou da própria medina, que é o centro bérbere-árabe, e do *zoço* que é o mercado. O *zoco* tem, em geral, o formato de um corredor estreito com lojas de frente umas para as outras, cujos telhados de palha se encontram no meio da rua, como proteção contra o calor durante o dia, servindo de portas quando são baixados durante a noite.

Embora nas cidades, em função da ocupação francesa, italiana e espanhola, a população árabe-bérbere tenha adotado, em parte, os costumes europeus, não chegou, porém, a haver uma verdadeira fusão entre cristãos e muçulmanos, e sim uma certa intimidade social; intimidade que tem crescido bastante com o desenvolvimento do turismo.

Além do Cairo, que mantém estreito contacto com o Oriente Médio, destacam-se Trípoli, Tunis, Argel e Tânger como cidades mais movimentadas do norte da África. No Marrocos, além dos centros interiorizados de Fez e Marrakesh, ganharam importância desde as grandes navegações as cidades de Ceuta, Rabat e a própria Tânger; nesta última excetuando-se o *kasba*, o velho bairro com ruas estreitas e tortuosas, a maior parte da cidade tem aspecto europeu.

Com a queda de Granada (1942), chegaram a Fez os refugiados árabes expulsos da Espanha, que desenvolveram bastante a cidade. Na realidade, Fez se constitui de três cidades numa só: a medida que é o núcleo encerrando cerca de 300 mesquitas e numerosos colégios islâmicos; após este quarteirão antigo encerrado por muralhas, estende-se a "nova Fez", que data do século XIII; além da segunda muralha surge a terceira cidade, fundada em 1916, que é a parte mais moderna com feição européia pelos edifícios e residências luxuosas em amplas avenidas arborizadas.

A meseta ocupada pelo Sahara, com elevação média de 300 metros, dominando a paisagem do norte da África, constituiu-se, por muito tempo, na "terra incógnita". A monotonia desta região é quebrada pela linha diagonal dos terrenos montanhosos do Ahagar (3.000 metros) e Tibesti, cujas altitudes chegam a pouco mais de 4.000 metros em alguns pontos. Do conjunto do Sahara (8.000.000 km<sup>2</sup>), pouco mais de 2.600.000 km<sup>2</sup> envolvem territórios da Líbia e do Egito; neste último país o Vale do Nilo ocupa uma antiga depressão, que foi no período cretáceo um golfo mediterrâneo. As zonas acidentadas do deserto são atravessadas por abruptas gargantas que no leste recebem o nome de *uadis* e *uedes* no oeste; foram na época diluvial rios caudalosos. O próprio Mulua é um uede, que, regando a planície do Triffa, permite a existência da plantação de cereais e vinhedos; o Sebu, aproveitado pela irrigação, permite o desenvolvimento da *rizzicultura*. Aliás, nos 330 km de rodovia asfaltada que ligam as cidades de Fez e Tânger, pode ser observado um vasto campo que lembra muito o sul de Portugal e da Espanha. Daí desaparece o camelo, cedendo lugar

ao burro como animal de carga; nas colinas onduladas estão as plantações de trigo, oliveiras, amendoeiras, figueiras, vinhedos, limoeiros e laranjais; os canais de irrigação seguem quase que paralelos à estrada em cujo trajeto são vistas granjas de donos abastados que já se utilizam de máquinas e tratores.

Bem diferente é a paisagem do Deserto da Líbia, onde surgem depressões com paredes verticais e fundos planos, formando poços gigantescos de até 400 metros de profundidade. Formadas pela superfície de um extrato horizontal, recebem o nome árabe de *hamadas* e bérbere de *tasilis*; essas zonas, completamente estéreis para a agricultura, são à semelhança dos *serir*, autênticos desertos de calhaus circundados por cascalhos.

Ainda nesse deserto rochoso, constituído por pavimentação de deflação, as grandes extensões de aluviões depositadas no fundo de outras depressões, pelos uadis, procedentes de zonas mais elevadas, são denominadas *regs*. Já na orla sahariana, onde os cursos de água fluem com certa freqüência, depositando grande quantidade de limo nas grandes depressões, formam-se as planícies argilosas e salinas denominadas *sebkhas*, no centro das quais se encontram vários *chotts* ou lagos salgados, entre os quais o Hodna, o Melghir e o Djerid. A presença da água no deserto determina a existência do oásis, onde a vegetação formada por palmeiras contrasta vivamente com a desolação do areal que o circunda. Nesse areal, cuja monotonia é quebrada também pelas dunas, montanhas de areia formadas pelo vento e que no oeste recebem o nome de *ergs* ou *aregs*.

Hoje, nem mesmo essa zona desértica do norte da África, à semelhança do que se passa no Oriente Médio, conse-

guiu fugir da técnica moderna; com a exploração e exploração do petróleo esse espaço islâmico do mundo árabe vem sendo conquistado palmo a palmo.

## ZONA ECONÔMICO-ESTRATÉGICA

Cruzamento das vias de circulação terrestre entre dois mares, as regiões ístmicas e os estreitos, que envolvem o mundo árabe-islâmico, têm grande valor geoestratégico. Assim, a importância das vias de passagem entre o Golfo Pérsico e o Mar Mediterrâneo, diminuiu com a construção do Canal de Suez (1868), que se tornou a principal ponte de acesso dos europeus para a Ásia Meridional; posteriormente a despeito do canal, tomariam novo impulso a zona de passagem do Golfo Pérsico—Mediterrâneo, quando a exploração do petróleo tornou necessário o estabelecimento de oleodutos. Completando o quadro geoestratégico, apresentam-se como zonas importantes as Bacias do Nilo, Tigre-Eufrates e Índus, onde se instalaram as aglomerações humanas do mundo islâmico, seguindo os passos das mais antigas civilizações do mundo. Nessas regiões econômico-estratégicas se defrontaram no século XIX os interesses franco-britânicos e hoje os russo-estadunidenses.

Em face dos interesses estadunidenses em deter a hegemonia russa no Mediterrâneo, a Turquia, detentora dos Estreitos de Dardanelos e Bósforo, passava a se constituir numa importante peça da OTAN. Aliás, desde o século XVIII, quando a Rússia atingiu a parte setentrional do Mar Negro, os Estreitos de Dardanelos e Bósforo passaram a ter importância geoestratégica. Nessa época, valer-se-iam as potências da desunião reinante no Império Otomano para exercerem ou barrarem influências na área.

De um modo geral, no âmbito do mundo árabe-islâmico, os interesses econômicos estão e estiveram sempre ligados aos estratégicos. Daí o geopolítico Mackinder haver escrito: "é para manter nossa posição no mundo que somos os grandes financiadores e assim poderemos aumentar o nosso império" ("The Great Trade Routes" — Journal of Institute of Banker — março de 1900).

Inicialmente foi na zona do Iran e Mesopotâmia que se chocaram as políticas das Grandes Potências que se encontravam por trás dos ajustes financeiros de grupos econômicos interessados em empreendimentos ferroviários. Aos poucos, porém, os interesses ferroviários foram sendo ultrapassados pelos petrolíferos. Isto porque o petróleo se transformou na fonte de energia indispensável, ao substituir progressivamente o carvão, por ser não só mais barato, como mais fácil de transportar.

Estando o petróleo limitado a certas áreas, e tendo em vista a grande rentabilidade de sua exploração, o mundo árabe-muçulmano, em especial, tornar-se-ia o palco de luta entre grandes consórcios para a obtenção das grandes jazidas. A indústria petrolífera transformou-se então no negócio mais integrado do mundo, indo desde os poços, passando pelas refinarias, oleodutos, petroleiros, até os diferentes mercados.

Em sua autobiografia intitulada "Nous le Gulbenkian — les Aventures Dorées du Pétrole", editada em Paris em 1965, conta Nubar Gulbenkian, o famoso armênio das concessões petrolíferas, que "entre 1914 e 1953, o montante dos capitais colocados pelos Gulbenkian no Oriente Médio oscilaram sempre entre 500.000 e 1.000.000 de libras esterlinas"; confessa, em seguida, que estas inversões produziram anualmente de 5

a 6 milhões de libras e que "os grupos petrolíferos acusaram, evidentemente, o mesmo aumento relativo que os 5% dos Gulbenkian".

Aproximadamente 63% das reservas petrolíferas estão localizadas no Oriente Médio; nesta região, as mais ricas nações em petróleo, como a Arábia Saudita, o Abu-Dhabi e o Katar, formam sociedades no mais estrito regime feudal. Faltando-lhes o capital, esses e outros ditos "gigantes do petróleo", viram-se obrigados a compartilhar os negócios com as companhias estrangeiras. Em 1919, dois grupos petrolíferos mais importantes — a "Standard Oil" dos Estados Unidos (ESSO) e a "Royal Dutch" (SHELL), companhia anglo-holandesa, entraram em competição no Oriente Médio. Hoje, além dessas duas e de várias outras encontram-se explorando o petróleo a "British Petroleum", a "Texaco", a "Standard Oil of California", a "Gulf" e a "Mobil". São sete gigantescas empresas que, juntas, totalizaram, a partir de 1952, os 90% da produção mundial.

Os rendimentos que hoje afluem aos países produtores do Oriente Médio atingem níveis jamais alcançados. Em 1971, os rendimentos do Oriente Médio e norte da África mais que duplicaram. Em 1972 foram majorados em 20%, atingindo a um nível de 11 bilhões de dólares, ganhos oriundos dos royalties e pagamentos de imposto de renda das companhias exploradoras. Para 1985 estima-se que essa cifra alcance 65 bilhões de dólares, numa reserva monetária considerável diante das circunstâncias do mundo econômico de hoje. Daí a PETROBRÁS se empenhar e ir em busca de suprimento diretamente no exterior através de sua subsidiária, a BRASPETRO.

Criada a 5 de abril de 1972, a BRAS-PETRO tem como finalidade o desenvolvimento das atividades de exploração, produção, refino, comercialização e transporte de petróleo e seus derivados no exterior. Diante das maiores empresas petrolíferas mundiais, como produtora de petróleo está em 25º lugar; em reservas em 32º; em capacidade de refinação, excetuando-se o Bloco Socialista, em 13º; como consumidor de derivados somos o 10º; na indústria petroquímica mundialmente, estamos em 10º e, da América Latina, em 1º.

No mundo árabe e espaço islâmico a BRASPETRO celebrou um contrato em 1973 com o governo iraquiano através da "Iraq National Oil Company" (INOC) com a duração de 24 anos para a exploração e exploração de petróleo naquele país. Com a "Egyptian General Petroleum Co." (EGPC), na modalidade de associação, a BRASPETRO tem contrato, também de 1973, para atuar na exploração de áreas no Vale do Nilo e na Bacia Ocidental do Deserto na duração de um total de 30 anos, prorrogáveis. No Iran, a BRASPETRO associou-se a "Mobil Oil Corp." e à "National Iranian Oil Co." (NIOC) através da empresa "Hormuz Petroleum Co." (HOPECO) para a exploração no Golfo Pérsico, no Estreito de Ormuz.

Os países islâmicos são, em conjunto, os maiores parceiros comerciais do Brasil, chegando mesmo a superar os Estados Unidos. Segundo a Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, em 1981 esses países participaram com 20% do total de nossas transações comerciais, seguindo-se a Comunidade Econômica Européia composta por 9 países com 19,77%, e em 3º lugar os Estados Unidos com 17%. Em 1981 conforme dados da CACEX as compras brasileiras no

mundo islâmico representaram 39% muito embora nossas vendas só tenham atingido os 8%; concluindo-se, pois, que no presente esse comércio tem sido vantajoso, em parte, para o Brasil, visto que as importações, sobretudo de petróleo, aumentaram, enquanto as exportações ainda crescem num ritmo aquém do desejado e do necessário.

Em se tratando, pois, do Oriente Médio, dentro de nossa diplomacia econômica, sendo impossível ir até o âmago do conflito árabe-israelense, e muito menos formular propostas, faz-se interessante uma comparação em dados objetivos para justificar as diretrizes geopolíticas brasileiras:

— os árabes possuem territórios cobrindo 22.015.000 km<sup>2</sup>, o de Israel apenas 73.815 km<sup>2</sup>, menor, portanto, que o nosso Estado de Pernambuco;

— os países árabes, reunidos, contam com cerca de 150 milhões de habitantes, enquanto Israel tem, aproximadamente, 4 milhões de pessoas.

Essa assimetria está presente na riqueza real e potencial dos dois contendores: o petróleo. Nessas condições, dentro de nossa diplomacia econômica, o Brasil rejeita Jerusalém como capital de Israel, é favorável à devolução dos territórios árabes ocupados a seus donos de direito e apoia a criação de um Estado Palestino, considerando a OLP (Organização para a Libertação da Palestina) sua "única representante". Sem citar os Acordos de Camp David, repudiados pelos árabes, Saraiva Guerreiro, no discurso que fez, em 1980, na abertura da XXXV Assembléia Geral da ONU, referiu-se à "trágica situação do Líbano, de onde são oriundos tantos brasileiros", e afirmou que este país tem sido vítima de ataques aéreos e terrestres por parte de Israel; o que esfacelou sua economia

e o respeito à vida humana nesse país vizinho a Israel, que abriga palestinos. Com relação aos palestinos, defendeu-lhes os direitos inalienáveis "ao regresso, à autodeterminação, à independência e à soberania, de acordo com a Carta das Nações Unidas, bem como a participação das OLP nas negociações de paz e o reconhecimento de todos os Estados da região de existirem dentro de fronteiras reconhecidas".

## CONCLUSÃO

Em 1960 foram descobertas as jazidas promissoras da Líbia, tendo início também, coincidentemente, a chamada política petrolífera nacionalista. Entre os dias 10 e 14 de setembro do referido ano reuniram-se em Bagdad os representantes dos governos do Iran, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela; nesse encontro histórico cimentaram-se as bases da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), que passou a se opor à cartelização dos consórcios internacionais, levando as nações produtoras a fixar o preço do combustível. Sabendo-se que o petróleo está se esgotando num ritmo muito mais rápido que os demais fontes de energia, os preços cada vez mais altos são sintoma do desequilíbrio entre as fontes potenciais e a utilização do produto. Nessas condições, diante de tal panorama econômico-político e levando-se em conta que o "petróleo fácil" do mundo árabe-islâmico tende a se esgotar, incentiva-se a exploração e exploração do "petróleo difícil" encontrado nas plataformas submarinas, nos xistos betuminosos, nas areias petrolíferas ou mesmo no asfalto (petróleo pesado).

Segundo dados da FAO acredita-se que até o ano 2011 deverão estar esgota-

das as reservas petrolíferas do Oriente Médio se prosseguir no mesmo ritmo o atual índice de produção e prospecção das novas jazidas. Em contrapartida, as mesmas estatísticas revelam que no ano 2000 o mundo árabe estará às voltas com graves problemas de escassez de alimentos, não contando então com as parcelas consideráveis das arrecadações provenientes do petróleo.

Na atualidade já os problemas alimentares do mundo árabe começam, em última instância, a neutralizar a arma do petróleo como instrumento de pressões internacionais. Foram maciças as importações de alimentos; em 1979 atingiram 12 bilhões de dólares, chegando ao dobro em 1980. Caso o mundo árabe não consiga garantir uma auto-suficiência alimentar numa proporção bem maior que a existente, irá sofrer graves perturbações. Isto em função do alto índice de crescimento populacional que deverá duplicar a população dos países no mundo árabe até o ano 2000.

Muito embora alguns países do mundo árabe venham investindo no setor agrícola, a produção de alimentos, segundo dados da FAO, está longe de acompanhar o crescimento populacional de 3 a 4% ao ano; assinala, pois, um retrocesso, tendo decaído de uma média de 3,3% ao ano na década de 1960 para 2,8% ao ano na década de 1970.

Enquanto os projetos de desenvolvimento agrícola levam alguns países do mundo árabe a uma total auto-suficiência em verduras e legumes, mantém-se o problema do abastecimento de cereais. Embora os cereais constituam um componente essencial na dieta das populações locais, a fisiografia da terra na maioria dos países árabes não se presta à reprodução de gêneros desta categoria.

Por outro lado é notório que, subindo o nível de vida dos muçulmanos, aumenta o consumo de cereais, tendo, pois, relação direta com o desenvolvimento da economia petrolífera. Na metade da década de 1970, quando aumentaram consideravelmente as arrecadações dos petrodólares, a importação de trigo e outros cereais para o mundo árabe cresceu numa média de 4,4 milhões de toneladas para 21,6 milhões. Nesse passo, no ano 2000 as importações de cereais deverão atingir 47 milhões, quando os países fora do mundo árabe-islâmico disporão de fortes trunfos contra essa área que hoje se dá ao luxo de exercer pressões internacionais.

Em nossos dias ainda é notória, nesse espaço islâmico, a herança da má vontade contra o Ocidente iniciada com as Cruzadas. Assim, nesse vasto território, que desde os tempos medievais se constituiu na encruzilhada do mundo, via de regra, o muçulmano médio passou a encarar os ocidentais como inimigos suspeitos de um ataque à sua religião, à sua sociedade e até mesmo à sua própria pátria. Tendência que transformou muitos intelectuais em "comunistas por ressentimento"; muito embora, dentro da incógnita geopolítica, os mundos adjacentes do comunismo e do islamismo, que interceptam o mundo ocidental, se interceptam reciprocamente.



*Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".*